

CRÓNICA 47 DOIDOS. A ASAE VAI-ME BANIR. DO ENSINO AO JORNALISMO CRIAMOS UMA MASSA CINZENTA DE CARNEIROS. novembro 2007

47.1. ELES ESTÃO DOIDOS

Eles estão doidos!

A meia dúzia de lavradores que comercializam directamente os seus produtos e que sobreviveram aos centros comerciais ou às grandes superfícies vai agora ser eliminada sumariamente. Os proprietários de restaurantes caseiros que sobram, e vivem no mesmo prédio em que trabalham, preparam-se, depois da chegada da *fast food*, para fechar portas e mudar de vida.

Os cozinheiros que faziam no domicílio pratos e "petiscos", a fim de os vender no café ao lado e que resistiram a toneladas de batatas fritas e de gordura reciclada, podem rezar as últimas orações. Todos os que cozinhavam em casa e forneciam diariamente aos cafés e restaurantes do bairro sopas, doces, compotas, rissóis e croquetes podem sonhar com outros negócios. Os artesãos que comercializam produtos confeccionados à sua maneira vão ser liquidados.

A solução final vem aí. Com a lei, as políticas, as políticas, os inspectores, os fiscais, a imprensa e a televisão. Ninguém, deste velho mundo, sobrará. Quem não quer funcionar como uma empresa, quem não usa os computadores tão generosamente distribuídos pelo país, quem não aceita as receitas harmonizadas, quem recusa fornecer-se de produtos e matérias-primas industriais e quem não quer ser igual a toda a gente está condenado.

Estes exércitos de liquidação são poderosíssimos: têm estado-maior em Bruxelas e regulam-se pelas directivas europeias elaboradas pelos mais qualificados cientistas do mundo; organizam-se no governo nacional, sob tutela carismática do ministro da Economia e da Inovação, Manuel Pinho; e agem através pessoal da ASAE, a organização mais falada e odiada do país, mas certamente a mais amada pelas multinacionais da gordura, pelo cartel da ração e pelos impérios do açúcar.

Em frente à faculdade onde dou aulas, há dois ou três cafés onde os estudantes, nos intervalos, bebem uns copos, conversam, namoram e jogam às cartas ou ao dominó. Acabou! É proibido jogar!

Nas esplanadas, a partir de Janeiro, é proibido beber café em chávenas de louça, ou vinho, águas, refrigerantes e cerveja em copos de vidro. Tem de ser em copos de plástico.

Vender, nas praias ou nas romarias, bolas-de-berlim ou



António Barreto
Retrato da
Semana

pastéis de nata que não sejam industriais e embalados? Proibido. Nas feiras e nos mercados, tanto em Lisboa e Porto, como em Vinhais ou Estremoz, os exércitos dos zeladores da nossa saúde e da nossa virtude fazem razias semanais e levam tudo quanto é artesanal: azeitonas, queijos, compotas, pão e enchidos.

Na província, um restaurante artesanal é gerido por uma família que tem, ao lado, a sua horta, donde retira produtos como alfaces, feijão verde, coentros, galinhas e ovos? Acabou. É proibido.

Embrulhar castanhas assadas em papel de jornal? Proibido.

Trazer da terra, na estação, cerejas e morangos? Proibido.

Usar, na mesa do restaurante, um galheteiro para o azeite e o vinagre é proibido. Tem de ser garrafas especialmente preparadas.

Vender, no seu restaurante, produtos da sua quinta, azeite e azeitonas, alfaces e tomate, ovos e queijos, acabou. Está proibido.

Comprar um bolo-rei com fava e brinde porque os miúdos acham graça? Acabou. É proibido.

Ir a casa buscar duas folhas de alface, um prato de sopa e umas fatias de fiambre para servir uma refeição ligeira a um cliente apressado? Proibido.

Vender bolos, empadas, rissóis, merendas e croquetes caseiros é proibido. Só industriais.

É proibido ter pão congelado para uma emergência: só em arcas especiais e com fornos de descongelação especiais, aliás caríssimos.

Servir areias, biscoitos, queijinhos de amêndoa e brigadeiros feitos pela vizinha, uma excelente cozinheira que faz isto há 30 anos? Proibido.

As regras, cujo não cumprimento leva a multas pesadas e ao encerramento do estabelecimento, são tantas que centenas de páginas não chegam para as descrever.

Nas prateleiras, diante das garrafas de Coca-Cola e de vinho tinto tem de haver etiquetas a dizer Coca-Cola e vinho tinto.

Na cozinha, tem de haver uma faca de cor diferente para cada género.

Não pode haver cruzamento de circuitos e de géneros: não se pode cortar cebola na mesma mesa em que se

*E não tenhamos
dúvidas: um dia destes,
as brigadas vêm,
com estas regras,
fiscalizar e ordenar
as nossas casas. Para
nosso bem, pois claro*

fazem tostas mistas.

No frigorífico, tem de haver sempre uma caixa com uma etiqueta "produto não válido", mesmo que vazia.

Cada vez que se corta uma fatia de fiambre ou de queijo para uma sanduíche, tem de se colar uma etiqueta e inscrever a data e a hora dessa operação.

Não se pode guardar pão para, ao fim de vários dias, fazer torradas ou açorda.

Aproveitar outras sobras para confeccionar rissóis ou croquetes? Proibido.

Flores naturais nas mesas ou no balcão? Proibido. Tem de ser de plástico, papel ou tecido.

Torneiras de abrir e fechar à mão, como sempre se fizeram? Proibido. As torneiras nas cozinhas devem ser de abrir ao pé, ao cotovelo ou com célula fotoeléctrica.

As temperaturas do ambiente, no café, têm de ser medidas duas vezes por dia e devidamente registadas.

As temperaturas dos frigoríficos e das arcas têm de ser medidas três vezes por dia, registadas em folhas especiais e assinadas pelo funcionário certificado.

Usar colheres de pau para cozinhar, tratar da sopa ou dos fritos? Proibido. Tem de ser de plástico ou de aço.

Cortar tomate, couve, batata e outros legumes? Sim, pode ser. Desde que seja com facas de cores diferentes, em locais apropriados das mesas e das bancas, tendo o cuidado de fazer sempre uma etiqueta com a data e a hora do corte.

O dono do restaurante vai de vez em quando abastecer-se aos mercados e leva o seu próprio carro para transportar uns queijos, uns pacotes de leite e uns ovos? Proibido. Tem de ser em carros refrigerados.

Tudo isto, como é evidente, para nosso bem. Para proteger a nossa saúde. Para modernizar a economia. Para apostar no futuro. Para estarmos na linha da frente. E não tenhamos dúvidas: um dia destes, as brigadas vêm, com estas regras, fiscalizar e ordenar as nossas casas. Para nosso bem, pois claro. *Sociólogo*

Foi depois de ler este e outros artigos semelhantes (que surgiram nesta última semana de novembro no jornal Público) que me comecei a preocupar.



A máquina de lavar roupa tem mais de 20 anos e está ao ar livre em cima duma palete sem proteção contra os elementos e cheia de ferrugem. A máquina de lavar a louça está cheia de ferrugem, a base onde se colocam os pratos só gira para dentro e fora com buchas de meter na parede, porque as rodas já se foram... Por outro lado, o meu super-grande frigorífico que finalmente começa a ter paralelo nos que existem nas lojas, tem uma capacidade de 470 litros, mas veda mal, tem inúmeros pontos de ferrugem, foi pintado e repintado por mim, mal e porcamemente, sem obedecer a nenhuma das normas aprovadas, mas o pior de tudo é que obedece a normas australianas não homologadas em Portugal e já não tenho na minha posse os documentos da sua imigração para a União Europeia nos idos de 1995 ou 1996. Nem o ano sei, mas lembro-me de o ter comprado em fevereiro ou março de 1983. A arca frigorífica é nacional, mas a data perdeu-se e tem sido vítima da minha tinta de spray branco sem grandes resultados apresentando sinais notórios de ferrugem.

Motivo de preocupação acrescido são as cadeiras da mesa de jantar que vieram da aldeia e foram construídas em data incerta há cerca de cem anos atrás. Igualmente preocupante é a existência cá em casa de um dente de marfim que a minha mulher herdou e está na lista de substâncias proibidas. Além disto tenho inúmeras coisas ainda compradas na Austrália e que não estão ao gosto dos senhores da ASAE. A banca da cozinha apresenta defeitos de fabrico nas juntas e o esquentador a gás apenas ontem ficou a funcionar duma forma segura, após mais de dois anos de luta contra tudo e todos. Agora já deve estar com a sua emissão de gases regularizada, pois até agora, não escapavam e desligava automaticamente ao fim de 3 ou 4 minutos, o que tornava cada duche cá em casa numa aventura empolgante até se saber quando o frio se instalava e a água quente voltava. Por outro lado, a chaminé foi desfeita há dois anos e os tubos que lá meteram numa placa de cimento não estão em conformidade com nenhuma norma e muito menos as de segurança.

Eu sei lá, são tantas as coisas que a ASAE podia encontrar aqui que acho melhor fechar-me em casa e não sair nem abrir a porta a ninguém, com medo de ser descoberto. Por causa das piratarías dos CD já pedi hoje número ISBN para os CD que faço aquando dos Colóquios da Lusofonia para deixarem de ser ilegais. Já me telefonaram a dizer que me vão dar os números de série. Ufa! Que alívio. Agora o pior vai ser para o azeite e vinagre pois não temos embalagens seladas individuais e toda a gente se serve duma garrafa de groselha que era da minha mãe e data dos anos 50 ou 60 do século passado, e na qual se mete o azeite que se compra na loja em embalagens de 2 ou 4 litros... Também para o café e o açúcar dispomos de recipientes não homologados onde se metem os cafés (e por vezes até se misturam marcas) e os pacotinhos de açúcar que a minha irmã rouba do café. Ela diz que não rouba, pois, paga os pacotinhos, mas não os deita no café para não engordar (se bem que esse método não tenha dado resultados visíveis).

Depois há ainda as cassetes piratas que comprei em Bali (na Indonésia) quando era hippie em 1974 e que trouxe como recordação. Ainda se ouvem bem apesar de piratas e de terem tocado mais de dois milhões de vezes, e sabe bem ouvi-las pois lembro-me que foi nessa altura que desertei do exército colonial português e fui até à Austrália e Indonésia. Podia ainda referir mais umas centenas de coisas que estão cá em casa sem ser em conformidade com as normas europeias e da ASAE, mas temo poder vir a ser preso por

ser demasiado individualista e este texto, adiante, só serve para eu recordar o George Orwell e a “Vingança dos Porcos” e “1984”.

47.2. A ASAE VAI BANIR

Como muitos o citam sem o terem lido extraio daqui um resumo da obra
(<http://www.duplipensar.net/george-orwell/1984-orwell-resumo.html>)

No mais famoso romance de George Orwell, a história passa-se no "futuro" ano de 1984 na Inglaterra, ou Pista de Pouso Número 1, parte integrante do megabloco da Oceânia. É comum a confusão dos leitores com o continente homónimo real. O megabloco imaginado por Orwell tem este nome por ser uma congregação de países de todos os oceanos. A união da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), Reino Unido, Sul da África e Austrália não parece estar tão distante da realidade.

A transformação da realidade é o tema principal de 1984. Disfarçada de democracia, a Oceânia vive um totalitarismo desde que o IngSoc (o Partido) chegou ao poder sob a batuta do onnipresente Grande Irmão (Big Brother). Narrado na terceira pessoa, o livro conta a história de Winston Smith, membro do partido externo, funcionário do Ministério da Verdade. A função de Winston é reescrever e alterar dados de acordo com o interesse do Partido. Nada muito diferente do que hoje em dia faz um qualquer jornalista ou um historiador.

Winston questiona a opressão que o Partido exercia nos cidadãos. Se alguém pensa diferente, comete crime de ideia em Novilíngua) e fatalmente será capturado pela Polícia do Pensamento e vaporizado. Desaparecia, pura e simplesmente como se nunca tivesse existido.

Inspirado na opressão dos regimes totalitários das décadas de 30 e 40, o livro não se resume a apenas criticar o estalinismo e o nazismo, mas toda a nivelação da sociedade, a redução do indivíduo a peça para servir o estado ou o mercado através do controlo total, incluindo o pensamento e a redução do idioma.

Winston Smith representa o cidadão comum vigiado pelas teletelas e pelas diretrizes do Partido.

Orwell escolhe este nome na soma da 'homenagem' ao primeiro-ministro Winston Churchill com o uso do sobrenome mais comum na Inglaterra. Esta obra-prima foi escrita no ano de 1948 e o seu título invertido para 1984 por pressão dos editores. A intenção de Orwell era descrever um futuro baseado nos absurdos do presente. Winston Smith e todos os cidadãos sabiam que qualquer atitude suspeita poderia significar o seu fim. Não era apenas sair de um programa de TV com o bolso cheio de dinheiro, mas desaparecer de facto. Os vizinhos e os próprios filhos eram incentivados a denunciar à Polícia do Pensamento quem cometesse crime de ideia. Facto comum nos regimes totalitários.

Algo estava errado, Winston não sabia como, mas sentia-o e precisava extravasar. Com quem seria seguro comentar sobre suas angústias? Não tendo respostas satisfatórias, Winston compra clandestinamente um bloco e um lápis (artigos de venda proibida que adquiriu num antiquário).

Para verbalizar os seus sentimentos, Winston atualiza o diário usando o canto "cego" do apartamento. Desta forma não recebia comentários nem era focado pela teletela de seu apartamento. Um membro do Partido (mesmo que externo como Winston) tinha de ter um teletela em casa, nem que fosse antiga.

*A primeira frase que Winston escreve é justificável e atual:
Abaixo o Big Brother!*

A vida de repressão e medo nem sempre fora assim na Oceânia. Antes da Terceira Guerra e do Partido chegar ao poder, Winston desfrutava uma vida normal com os seus pais. Mesmo Winston tinha dificuldades para lembrar as recordações do passado e da vida pré-revolucionária. Os esforços da propaganda do Partido com números e duplificação tornavam a tarefa quase impossível já que o futuro, presente e passado eram controlados pelo Partido.

O próprio ofício de Winston era transformar a realidade. No MINIVER (Ministério da Verdade), ele alterava dados de tudo que pudesse contradizer as verdades do Partido e lançava os originais no incinerador (Buraco da Memória). A função de Winston é uma crítica à fabricação da verdade pela mídia e da ascensão e queda de ídolos de acordo com alguns interesses.

O Partido informa: a ração de chocolate semanal aumenta para 20 g por cidadão. O trabalho de Winston consistia em coletar todos os dados antigos em que descreviam que a ração antiga era de 30 g e substituí-los pela versão oficial. A população agradece ao Grande Irmão pelo aumento devido aos propósitos mediáticos do poder.

Winston entendia que adulterava a verdade. Havia muito tempo que ele encobria a verdade para si, mas, aos poucos, começava, calado e solitariamente, a questionar tudo. O medo de comentar algo era um dos truques do Partido para o controle total da população. Winston tinha esperança na prole. Na sua ingênua visão [que se confunde com a biografia de Orwell na sua visão durante a guerra civil espanhola] a prole é a única que pode mudar o status quo.

Winston lembra os "Dois minutos de ódio", parte do dia em que todos os membros do partido se reúnem para ver propaganda enaltecendo as conquistas do Grande Irmão e, principalmente, direcionar o ódio contido contra os inimigos (toteísmo usado amplamente pelo ser humano: odeie o seu inimigo e identifique-se com o seu semelhante).

Winston separara-se devido à devoção de sua esposa ao Partido que seguia as determinações que o sexo deveria ser apenas para procriação de novos cidadãos. O sexo como prazer era crime. Ao ver uma bela mulher, lembrou-se da última vez que fizera sexo. Havia três anos e com uma prostituta repugnante. Boicotar o sexo, como pretendem os atuais donos do mundo é uma das forças motrizes para dominar a mente.

Winston anotava tudo o que se passava pela sua cabeça. Um exercício proibido, mas necessário. Anotar e lembrar pode ser muito perigoso. O caso mais escandaloso que revoltava Winston era o de Jones, Aaronson and Rutherford, os últimos três sobreviventes da Revolução. Presos em 1965, confessaram assassinatos e sabotagens nos seus julgamentos. Foram perdoados, mas logo após, foram presos e executados. Após um breve período Winston viu-os no Café Castanheira (local mal visto pelos cidadãos que não queriam cometer crime).

No ano do julgamento Winston refez uma matéria sobre os três 'traidores'. Recebeu através do tubo de transporte que eles estavam na Lestásia naqueles dias, mas ele sabia que eles confessaram estar na Eurásia (naquela época a Eurásia era a inimiga, mas num piscar de olhos, a Lestásia deixava de ser a aliada e passava a ser a inimiga).

Esta é uma crítica às alianças políticas, principalmente ao pacto de Hitler e Estaline. Os nazis chegaram ao poder financiados também por setores dos EUA para combater o avanço do comunismo. Durante a vigência do pacto, a aliança entre Moscovo e Berlim sempre existiu para a população dos dois países. Eles não eram amigos, eles sempre foram amigos! No ano seguinte, rumo ao 'espaço vital alemão', os russos sempre foram os inimigos. Sempre tinham sido. Bastante atual se se comparar o apoio logístico e bélico dado aos estado-unidenses a Saddam Hussein, Osama bin Laden para combater o comunismo. Agora, eles são os inimigos eternos.

A mentira do Partido era a prova que Winston procurava para si. Havia algo podre na Oceânia. Winston, que era curioso, mas não era burro, deita o papel que podia incriminá-lo no buraco da memória. Revoltado, escreve no seu diário que liberdade é poder escrever que dois mais dois são quatro. As fábricas russas ainda contêm placas com o lema: dois mais dois são cinco se o partido quiser.

Não era bem-visto que membros do Partido frequentassem o bairro proletário. Winston estivera há poucos dias no mesmo local para comprar o seu diário. Depois de um contumaz bombardeio, Winston entrevistou pessoas sobre como era a vida antes da guerra, mas os idosos não lembram mais, apenas futilidades e coisas pessoais.

Ao voltar ao antiquário o proprietário tem uma surpresa para o curioso por antiguidades. Winston esperava ver algum objeto anterior ao Partido, mas o que o Sr. Carrington lhe mostra é um quarto com arrumação e mobílias antigas. Sem teletelas. Winston, ao sair do antiquário, vê uma mulher e desconfia que ela seja uma espia da Polícia do Pensamento. No dia seguinte, encontra-a no Ministério da Verdade, o que aumenta o seu temor em ser denunciado. Ao passar por Winston, ela simula uma dor para desviar a atenção das teletelas, e passar um bilhete escrito: "Eu te amo".

As normas do Partido deixavam claro que membros do Partido, principalmente dos sexos opostos, não deveriam comunicar-se a não ser a respeito de trabalho. Passaram semanas em conversas fragmentadas até conseguirem marcar um encontro num lugar secreto longe dos microfones escondidos. Winston só descobriu o seu nome após beijá-la. Júlia confessa que ficou atraída por Winston pelo seu rosto que parecia ir contra o partido. Estava na cara que Winston era perigoso à ordem e ao progresso.

Winston surpreende-se ao saber que Júlia se 'apaixonava' com facilidade. O desejo dela era corromper o estado por dentro, literalmente. Para continuar o seu romance com Júlia, Winston tem a ideia de alugar aquele quarto do antiquário. Winston ficou impressionado e passou a acreditar que Júlia seria uma ótima companheira de guerra. Por enquanto, era a pessoa com quem Winston podia compartilhar os seus sentimentos e segretos. Apaixonado, recupera peso e saúde.

Certo dia, O'Brien, um membro do Partido Interno, percebe também que Winston era diferente dos outros e convida-o, para despistar as teletelas, a ir ao seu apartamento ver a nova edição do dicionário de Novilíngua. O convite de O'Brien era incomum e fez Winston animar-se com a possibilidade de uma insurreição. Passa a crer que a Fraternidade não era apenas peça de propaganda, a organização anti-Grande Irmão responsável por todos os danos causados na Oceânia tal qual Bola de Neve em a "Revolução dos Bichos".

Winston leva Júlia ao encontro. Para espanto do casal, O'Brien desliga a teletela do luxuoso apartamento. Alguns membros do partido Interno tinham permissão para se desconectar da sua 'banda larga' por alguns instantes.

Winston confessa o seu desejo de conspirar contra o Partido, pois acreditava na existência da Fraternidade e para tal as suas esperanças estavam depositadas em O'Brien. Os planos eram regados a vinho digno, artigo inviável para os integrantes do Partido Externo, e o brinde destinado ao líder da Fraternidade, Emanuel Goldstein.

Dias depois, Winston recebe a obra política de Goldstein.

Winston "devora" o livro enquanto Júlia não demonstra o mesmo interesse. Winston ainda acredita nas proles mesmo ao ver uma mulher cantando uma música prefabricada em máquinas de fazer versos. Nada muito distante da música atual. "Nós somos os mortos" filosofa Winston ao contemplar a vida simples da prole. A ignorância dos menos abastados não era perigo para o Partido e, portanto, não sofria tanta repressão quanto os membros, superiores e inferiores do Partido, a classe média. "Nós somos os mortos" repete uma voz metálica. Sim, era uma teletela escondida atrás de um quadro. Guardas irrompem no quarto e Winston vai para uma cela no Ministério do Amor.

Até as celas tinham teletelas que vigiavam cada passo de um Winston doente e faminto. Os prisioneiros têm a fisionomia dos do campo de concentração. Ao encontrar O'Brien, Winston que pensara que ele também fora capturado, escuta a frase mais enigmática do livro: "Eles já me agarraram há muito tempo". Winston vai para uma sala e O'Brien torna-se o seu torturador. O'Brien explica o conceito do duplipensar, o funcionamento do Partido e questiona Winston sobre as frases de seu diário sobre liberdade. O'Brien não esquece o que o Winston escreveu. A liberdade é o tema para que O'Brien explique durante a tortura o controle da realidade.

Se necessário deveria haver tantos dedos na sua mão estendida quantos o partido quisesse. A verdade pertence ao Partido já que este controla a memória das pessoas. Winston, torturado e drogado começa a aceitar o mundo de O'Brien e passa ao estágio seguinte de adaptação que consiste em aprender, entender e aceitar.

Winston sabia que já se estava a adaptar e a confessar que a Eurásia era inimiga e que nunca tinha visto a foto dos revolucionários. Mas ainda faltava a reintegração e este ritual de passagem só poderia ser concluído no Quarto 101. Segundo O'Brien, o pior lugar do mundo. O Quarto 101 é um inferno personalizado. Como Winston tem pavor de roedores, os torturadores colocam uma máscara no rosto com uma abertura para uma gaiola cheia de ratos famintos separada apenas por uma portinhola. A única forma de escapar é renegar o perigo maior ao Partido, o amor a outra pessoa acima do Grande Irmão. "Pare. Faça isso com a Júlia" grita Winston.

Winston, libertado, termina seus dias tomando Gin Vitória e jogando sozinho xadrez no Castanheira Café. Ao fundo, o seu rosto aparece na teletela confessando vários crimes. Foi libertado e teve a posição rebaixada para um trabalho ordinário num subcomité. Trajetória de milhares de pessoas de regimes totalitários, como o checo Thomaz de "A Insustentável Leveza do Ser" de Milan Kundera, o caso do médico que vira pintor de paredes ao renegar as ordens do partido não é muito diferente daqueles que não se adaptam em suas profissões no mundo livre S.A.

Júlia escapa também do Quarto 101. O Partido separou-os e os dois só voltaram a encontrar-se ocasionalmente. Já não eram as mesmas pessoas. Tinham "crescido" e traído. Winston, no Café Castanheira, sorri. Está completamente adaptado ao mundo. Finalmente ele ama o Grande Irmão."

Já tudo isto acontece e só vai piorar. O Big Brother já está nas nossas vidas e nós aceitamo-lo sem pruridos. É fácil saber o que fazemos através dos cartões de crédito e débito, do novo cartão de cidadão, da passagem pelas portagens numa qualquer autoestrada, pelo Metro e seu "Cartão Andante", pelas câmaras nos centros comerciais e em toda a parte. Não se admirem se qualquer dia com a nossa inconformidade e individualismo pudermos ser privados da nossa pseudoliberdade por não termos cumprido as normas de higiene e de saúde que "eles" determinaram serem obrigatórias. Cada vez há menos espaço para seres pensantes e questionadores como eu.

Só espero que isto não acelere demasiado para os anos de vida que ainda tenho. Não se preocupem demasiado pois eu sou assim e esta fobia excessiva que tenho contra as bases de dados, é um sinal evidente

da minha hipocondria e da necessidade absoluta que existe de me internarem como um perigo para a sociedade uniforme e cinzenta que me querem impor. Ah! Se eu ao menos tivesse cá a cicuta, repetia-se o destino naquele cujo nome não podemos mencionar sem arriscarmos irmos presos.

Podia continuar a crónica com o comezinho incómodo das últimas semanas enquanto deitavam abaixo, à marretada e à força bruta de retroescavadora, a centenária casa aqui ao lado, que em ruínas nos acompanhara nos últimos dois anos. O som daqueles constantes tremores de terra, abanava a estrutura centenária que habita, em especial a falsa (sótão) no primeiro andar em madeira... Se não soubesse já como era sentir um terramoto esta era a oportunidade de o experimentar entre as oito da manhã e as cinco da tarde. Dias e dias, de fio a pavio, sempre a tremer. Pior que a doença de Parkinson. Sem sequer poder abrir a janela devido às toneladas de pó que se iam acumulando pela casa toda.

Era como se o mundo real lá fora estivesse a conspirar contra mim, e estava, mas a maior parte das pessoas nem se apercebia e vivia tranquila na morrinha da lufa diária pela sobrevivência, que a mais não podiam aspirar. Voltemos ao Big Brother... Também isto constava das previsões de George Orwell (n. Eric Arthur Blair, Bengala, 1903-1950). Nesse seu famoso romance, a história desenrola-se quatro décadas depois de ter sido escrito, num "futuro" ano de 1984 na Inglaterra, aliás, PP1 (Pista de Pouso Número 1), parte integrante do megabloco da Oceânia.

O megabloco imaginado por Orwell tem este nome por ser a congregação de países de todos os oceanos. A união da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), Reino Unido, Sul da África e Austrália não parece estar tão distante da realidade.

A transformação da realidade é o tema do livro. Disfarçada de democracia, a Oceânia vive um totalitarismo desde que o IngSoc (o Partido) chegou ao poder sob a batuta do onnipresente Grande Irmão. Narrado na terceira pessoa, o livro conta a história de Winston Smith, membro do partido externo e funcionário do Ministério da Verdade. A sua função é re-escrever e alterar os dados de acordo com os interesses do Partido. Não muito diferente das atuais funções de um qualquer jornalista ou historiador que se preze, seja na América ou mesmo na UE.

Winston questiona a opressão que o Partido exerce nos cidadãos. Se alguém pensasse de forma diferente, cometia crime de ideia, em novílingua), seria fatalmente capturado pela Polícia do Pensamento e vaporizado. Desaparecia.

Eu adquirir rapidamente pés de galinha, os cabelos e pelos eriçam-se como se tivesse visto um fantasma, isto, claro está, no caso de existirem. Comecei a olhar por sobre o ombro à cata de alguém que me espiolhe ou esquadrinhe as ideias, tão diversas do pensamento “aprovado e oficial”. Não me apetecia ser vaporizado pois tinha um legado que queria imune à ação de um qualquer ministério da verdade.

Inspirado na opressão dos regimes totalitários das décadas de 1930 e 1940, o livro de Orwell critica o estalinismo e o nazismo e toda a nivelação da sociedade, tal como pretenderam fazer em Portugal depois do 25 de abril. Uma redução do indivíduo a uma peça para servir o estado ou o mercado através do controlo total, incluindo o pensamento e a redução do idioma. Winston Smith representa o cidadão comum vigiado pelos ecrãs (teletelas) e diretrizes do Partido.

Orwell escolhera o nome em 'homenagem' ao primeiro-ministro Winston Churchill. Esta obra-prima escrita em 1948 viu o título invertido para “1984” por pressão dos editores. A intenção era descrever o futuro baseado nos absurdos do presente. Winston e todos os cidadãos sabiam que qualquer atitude suspeita poderia significar o fim. Não apenas sair de um programa televisivo “Big Brother” com o bolso cheio de dinheiro, mas desaparecer de facto. Vizinhos e filhos eram incentivados a denunciar à Polícia do Pensamento quem cometesse crime de ideia. Nada que Mao, Pol Pot e tantos outros, não tivessem já feito. Comum em regimes totalitários.

Winston separou-se da mulher devido à devoção dela ao Partido. Ela seguia a norma de que o sexo era apenas para procriação de cidadãos. Como prazer era um crime. Boicotar o sexo é uma das forças motrizes para dominar a mente. Winston inventariava tudo num exercício proibido, mas necessário. Anotar pode ser muito perigoso. O caso mais escandaloso que revoltava Winston era o dos últimos sobreviventes da Revolução. Foram presos e confessaram assassinatos e sabotagens. Foram perdoados. Depois, Winston viu-os no Café, local mal visto pelos cidadãos que não queriam cometer crime de ideia. Foram executados. No ano do julgamento Winston fez uma matéria sobre os três 'traidores'. Informavam que estavam na Lestásia, mas estava na Eurásia que era inimiga naquela época. Num piscar de olhos, deixava de ser a aliada e passava a ser a inimiga.

Esta era uma dura crítica às alianças políticas, principalmente ao pacto de Hitler e Estaline. Os nazis chegaram ao poder financiados pelos EUA para combater o avanço comunista. Durante a vigência do pacto, a aliança entre Moscovo e Berlim sempre existiu para a população dos dois países. “Eles não eram amigos, sempre foram amigos!” No ano seguinte, rumo ao espaço vital alemão, os russos “sempre foram os inimigos”. Sempre.

Os membros do Partido não deviam frequentar o bairro proletário. Winston fora lá para comprar o diário e entrevistara pessoas sobre a vida antes da guerra. Os idosos não se lembravam. Ao voltar ao antiquário, o proprietário mostra-lhe um quarto com mobílias antigas sem teletelas. Ao sair, vê uma mulher e desconfia que seja espia da Polícia do Pensamento. No dia seguinte, encontra-a no Ministério da Verdade. Aumenta o temor em ser denunciado. No entanto, ao passar por Winston, passa-lhe um bilhete: “amo-te”. As normas do Partido determinavam que os seus membros não deveriam comunicar a não ser sobre trabalho. Passaram semanas e marcaram um encontro longe dos microfones escondidos. Winston descobre-lhe o nome após beijá-la. Júlia confessa que ficou atraída pelo seu rosto que parecia ir contra o partido. Winston surpreende-se ao saber que Júlia se ‘apaixonava’ com facilidade.

Esta foi a trajetória de milhares de pessoas em regimes totalitários, como o checo Thomaz em “A Insustentável Leveza do Ser” de Milan Kundera. A ficção já não iguala a realidade, mas é ultrapassada por esta. Este texto é bastante atual se compararmos o apoio logístico e bélico dado pelos norte-americanos a Saddam Hussein e a Osama bin Laden para combaterem o comunismo.

Depois passaram a inimigos eternos. Saddam foi capturado e enforcado, Osama ausente em parte incerta. Assim no-lo querem fazer crer. Podem sempre desenterrá-lo, um dia, se e quando for necessário. O que acabamos de rever é já a quase realidade em que vivemos.

A privacidade de há 10, 15, 20 anos ou mais, seria impensável hoje. Tudo em nome da defesa dos valores sagrados da civilização ocidental. Da luta contra o terrorismo. Doutra qualquer peleja que os líderes hão de inventar. Como as armas químicas que o velhaco genocida do Saddam Hussein afinal não tinha. O mesmo que os EUA forjaram com Bin Laden. Desde há um século que “inventam” personalidades destas para fazerem o que lhes convém, lembremo-nos do Xá da Pérsia, ou do Panamá e de mais umas centenas de golpes falhados e aqueles que fizeram ricochete como no atual Irão...

Aprovada pela maioria socialista portuguesa na Assembleia da República uma conquista inolvidável de todos os “esquerdistas” traumatizados (ler adiante). Alguns ficaram com pena de se não ir mais além. De não ter havido coragem para desobrigar totalmente os alunos de frequentarem aulas. Reduzia-se imenso o défice nacional, dispensando milhares de professores, só necessários no caso extremo e anormal de haver exames ou provas de avaliação. As famílias ficavam felizes com os filhos que tinham obtido excelente aproveitamento escolar e podiam ser doutores, o governo exultava com as estatísticas para Bruxelas ver e com os progressos feitos no seu mandato e acabava-se com esta fascista prática de obrigar crianças e adolescentes a aprenderem matéria que não serve para nada.

Jornal Público Notícia 2008-01-18 11:09:00

O novo diploma permite que os estudantes passem de ano sem frequentar as aulas, desde que sejam aprovados nas provas de recuperação. A reprovação só ocorre se o aluno faltar sem justificação à prova de recuperação, ficando retido, no caso do básico, ou excluído da frequência da disciplina, no caso do secundário. Este documento estipula que o prazo limite de faltas não justificadas é de duas semanas, se o aluno estiver no primeiro ciclo, e do dobro dos tempos letivos semanais de uma disciplina, se o estudante frequentar os restantes níveis de ensino.

Mas os desígnios do governo eram mais avançados: fechar o interior do país para ficar como uma coutada dos ricos que ali poderiam comprar umas casinhas ao desbarato para passarem férias. Deveriam ter decidido encerrar todo o país. Com a lusitana nação fechada era mais fácil governá-la. Gastava-se menos dinheiro. Ficava resolvido o problema do défice. Os espanhóis vinham e podiam plantar tudo o que os portugueses não plantam. Porque não dá, ou porque não vale a pena, dizem os lusos. Faziam disto a horta ou quinta espanhola, à moda dos da ilha do Faial que entendiam a ilha do Pico como colónia privativa de férias.

Só havia um problema. Os portugueses têm uma produtividade elevada quando trabalham no estrangeiro. Aí era uma chatice. Se comesçassem a trabalhar nas hortas espanholas, que dantes eram portuguesas, podiam habituar-se a trabalhar no duro e ainda tornavam este país rentável...

Podia ainda falar-vos das chuvas torrenciais dos últimos dias. Como é habitual, levaram nas suas enxurradas mais umas terras, desabadas estrada dentro, e obrigaram à intervenção das solícitas equipas da protecção civil açoriana, mas tudisto era habitual e já ninguém estranhava.

Vários os começos idealizados, mas todos esquecidos. Sintoma do avançar da idade.

47.3. DO ENSINO AO JORNALISMO, CRIAMOS UMA MASSA CINZENTA DE CARNEIROS AMESTRADOS

É importante, e (se bem que ninguém me leia e ninguém me ouça) há muito que ando a dizer nos labirintos esconsos das minhas conversas: o ensino em Portugal (tal como a democracia) segue um rumo globalizado de privatização. No futuro, haverá um acesso universal ao ensino, mas de má qualidade e sem grande futuro. A alternativa será o ensino privado, levando algumas pessoas a engrenagens de dívidas perenes e endividamento sem hipótese de saírem desse círculo vicioso. Entretanto, as pequenas elites com poder de compra irão optar por escolas privadas, donde sairão os futuros dirigentes da nação que optem por não irem para o estrangeiro.

Ter-se-á assim um país, e um mundo, a duas velocidades. A das massas, o antigo proletariado, com melhores condições que no tempo da ditadura, pois ostentam títulos académicos sem que isso represente emprego ou profissão duradoura. A das elites (à semelhança dos tempos da outra senhora) terá o privilégio de nomear os seus eleitos para todos os níveis de chefia a partir do intermédio. Mas não se iludam, não é só cá, é em todo o mundo ocidental. Agora com a passagem obrigatória de todos os alunos, mais o programa de "Novas Oportunidades" vai Portugal finalmente baixar o coeficiente de iletrados, mas ao contrário do que muitos pensam, não vai deixar de os ter, o que vai ter é analfabetos com diplomas. Nada disto é à toa, nem por uma questão de birra.... Já acontece nos EUA, na Austrália e no Reino Unido, onde há escolas secundárias que custam tanto ou mais que universidades privadas...

Teremos um país dos que têm e dos que não têm. Ninguém se preocupa com os desempregados vitalícios que começaram a surgir (no fim da década de 80 na Austrália e agora em Portugal). Ninguém perde o sono ou o apetite, pelos sem-abrigo, que se propa-

gam mais depressa que coelhos, nas ruas das cidades esvaziadas de Humanidade, autênticos desertos à noite. Isto enquanto o camartelo municipal não chega para demolir as casas que irão ser “gentrificadas” para dar origem a condóminos de luxo. Os velhos subúrbios da gente do povo e classes menos abastadas passam a ser áreas VIP. O interior desertificado e abandonado do Portugal pequenino será a coutada de férias dos ricos e poderosos.

Decidi não mais comprar a habitual dose de livros de ficção. A realidade não para de se exceder e tornar-se mais inverosímil que a própria ficção. No pequeno jardim à beira-mar plantado, as liberdadezinhas vão sendo ameaçadas e cidadania é sinónimo de coragem. Há uma crise das instituições que ninguém ousará negar. A própria democracia do 25 de abril resvalou para a pura demagogia. É encabeçada pelos discursos gloriosos do onnipotente e intocável líder. O tal que fez um curso universitário por faxe num domingo. O que assinou projetos de casas de emigrantes em cima de pocilgas de porcos sem saneamento. Nenhum mal veio ao mundo pois nem era proibido nem ilegal. Os representantes eleitos estão, sem ideias e sem horizontes, que não sejam os dos benefícios pessoais e dos seus mais próximos colaboradores. Esta teia intrincada de corrupção e nepotismo coloca em causa a democracia.

Os ataques à liberdade começaram há muito com a autocensura, imposta pelos poderes económicos que dominam os meios de comunicação. Depois, seguindo um processo a nível mundial centrado no politicamente correto, assiste-se à criação artificial do ser imperfeito: agora é o fumador, daqui a uns tempos serão os obesos e depois os carnívoros ou os heterossexuais. Tudo isso será tão grave como não pagar impostos. As represálias irão fazer-se sentir sobre aqueles que exercem um mero ato de cidadania. Os jornalistas não ousam criticar ninguém a menos que “mandados”. Já não há espírito de missão nem a profissão pode ser levada a sério. Portugal nunca foi um país de “jornalismo de investigação” e agora ainda menos. A sociedade civil não se pronuncia e os jornalistas raramente o fazem. Os que querem ser esclarecidos contentam-se com o mundo “underground” dos blogues. O progresso tecnológico galopante, nas últimas décadas, permitiu a todos um acesso alargado à informação, mas as pessoas estão menos informadas. Vive-se a miragem de uma multiplicidade de jornais e de canais. Os telejornais são decalcados uns dos outros, apenas os apresentadores e a ordem das notícias muda.

Os grandes grupos económicos que dominam os meios de comunicação (e os meios livres nacionais) promovem um cartel monopolizador da “verdade”, onde a independência e isenção são palavras vãs que se arriscam - em qualquer momento - a serem trucidadas. Os assalariados (leia-se jornalistas) se bem que hipoteticamente livres para escreverem sobre qualquer assunto, de qualquer forma ou feitio, só serão publicados se o conteúdo for conveniente aos interesses dos seus donos (leia-se patrões). Este tipo de censura é a pior. Cresceu incomensuravelmente nas últimas décadas e já me preocupava em meados de 80 na Austrália. É quase invisível.

Mais brutal que o velho sistema do “lápiz azul” do SNI que eliminou 64 das 100 páginas do meu primeiro livro de poesia em 1972 (Crónica do Quotidiano Inútil) para ficar elegantemente reduzido a 32.

Agora, o quarto poder, a imprensa escrita e audiovisual, na sequência do célebre caso Watergate, deixou de funcionar em prol das liberdades e direitos dos cidadãos. Já não faz denúncias. Antes pactua e se esconde sob a ameaça velada das restritas leis que

obrigam um jornalista a fornecer as fontes sob pena de ir para a cadeia ou pagar indemnizações milionárias. Os grandes grupos gabam-se de conseguirem eleger governos e presidentes e quando não o conseguem vale sempre a ajudinha duma batota, como aconteceu com a eleição de George W. Bush graças aos votos da Florida (onde o seu irmão mandava). O homem que perdeu as eleições e teve menos votos, foi eleito para aquilo que se assistiu nos últimos oito anos. Ninguém sabe quantas guerras e milhares de mortos por causa de tais eleições. Em simultâneo, os grupos económicos que o apoiavam aumentaram desmesuradamente a sua influência, poder e lucros. Nem só de petróleo viveu a administração Bush.

Aqui vos deixo um alerta para a necessidade de acordarem. Todos. Mesmo os que têm a consciência escondida ou pesada pelas atoardas com que diariamente vos metralham na comunicação social. É preciso haver jornalistas. Daqueles que nunca se calaram nem se vergaram ao peso do que era conveniente ou não dizer, sem olhar a atenuantes ou consequências. Têm - agora, mas do que nunca - que ser arautos dos que não têm voz. Cada vez é maior o número dos desprovidos. Têm de ter uma probidade e ética inultrapassável para afrontar tudo e todos, sem encolher os ombros cómodos, tal como os antepassados fizeram. Assim surgiu o deflagrar da 1ª e da 2ª Grande Guerra. Durante mais de vinte anos, fui um paladino internacional pela causa de Timor quando ninguém acreditava. Era sistematicamente ridicularizado pela direção da LUSA, RDP, RTP ou Público (do qual fui um dos fundadores) por escrever demasiado sobre a “guerra perdida dos timorenses”. Arquei com esse peso e consequências, a nível da própria sanidade mental, durante 24 anos. Em 1999 consegui publicar o primeiro volume da trilogia da história de Timor (Timor Leste: o dossier secreto 1973-1975) com documentos que eram secretos. Este facto é relevante por ter sido, originalmente, escrito na semana em que o ditador indonésio, o genocida Suharto faleceu. Foi considerado o maior cleptocrata de sempre ao longo de 32 anos de reinado tendo acumulado 53 biliões de dólares.

No prefácio autoral escrevi então:

Este trabalho mostra a atitude lânguida dos colonizadores portugueses, os primeiros europeus a “descobrir” Timor Leste e Austrália, que se descartaram da Austrália e preferiram instalar-se em Timor devido à sua madeira de sândalo. A expansão holandesa forçou os Portugueses a colonizar Timor Leste e a tentar “pacificar” a sua rebelde população.

Este diário de acontecimentos, até à sangrenta anexação de Timor Leste, pretende mostrar como Portugal lidou incompetente e apressadamente com a sua retardada descolonização. conclui-se que Timor Leste não estava então preparado, nem os Portugueses tiveram tempo para os preparar, e, os EUA, Austrália e Indonésia estavam ansiosos para se verem livres do problema de Timor. O Timor Português era um atraso, sem educação, nem infraestruturas. A Austrália competia pelo petróleo em plena crise energética de 1973, e Portugal estava ainda a aprender a tornar-se numa democracia depois de 48 anos de ditadura, à medida que tentava evitar a sua própria quase guerra civil. Quando a descolonização se inicia em 1974, a administração portuguesa introduz medidas aceleradas para a preparação de quadros com vista à futura passagem de poderes e autodeterminação.

A Indonésia já estava adiantada a falsificar a escrita apoiada pela histeria anticomunista dos EUA devido à queda de Saigão, à “Teoria do Dominó” do Dr. Kissinger e incentivada pela pragmática ingenuidade da diplomacia petrolífera australiana. Para Portugal, Timor ainda é, uma vez mais, demasiado longe, demasiado pobre e demasiado pequeno para ter alguma importância. Deficientemente preparados, os Timorenses esperavam, por qualquer razão desconhecida, que o mundo escutasse os seus pedidos de S.O.S., depois duma curta guerra civil e breve declaração unilateral de independência. Mas, quando os abutres Indonésios descem a pique, o mais abafado genocídio secreto do século ocorre fora dos olhos e ouvidos do mundo.

Apesar dos duzentos mil mortos (um terço da população), sabemos agora que Timor não era o Kuwait, e ninguém escutava os seus apelos. A luta prossegue ainda após a queda de Suharto. Ao invés da invasão do Kuwait pelo Iraque em 1990, os EUA, Reino Unido e outras potências ocidentais não fizeram uma campanha unida contra a brutal agressão da Indonésia. Ninguém se importou então e poucos querem saber disso agora. Esta é a razão principal desta tese.

Dedico-a à memória de todos os que lutaram de armas na mão, ou doutras formas, e que ainda lutam pelo direito do povo Maubere à autodeterminação, que com pleno direito eles têm tentado afirmar ao longo dos últimos 23 anos.

Este trabalho acompanha a bibliografia disponível para o período 1973-1975: artigos de jornal, entrevistas, a minha vivência real de Timor, e mais de vinte anos de pesquisas em bibliotecas e editoras. As suas conclusões tornam-se óbvias ao adicionarmos os cabogramas SECRETOS de países ocidentais. A tese baseada em documentação escrita da época pretende demonstrar que embora enormemente desejada, a independência não teria sido viável então, mas é mais do que merecida hoje

Hoje em dia já não há debates, mas fachadas de pretensa discussão, veículos de propaganda governamental da democracia “guiada”. Este cinzentismo acéfalo e monocórdico da comunicação social foi enriquecido pelo aparecimento dessa droga legal chamada “imprensa cor-de-rosa”. É soporífera e causa danos irreversíveis à mente humana. Nenhum governo se atreve a legislá-la, proibi-la ou sancioná-la. Pelo contrário, encontram nela um valioso aliado na luta obscurantista em que estão empenhados, para que o povo pense que está a ser governado enquanto eles se governam. Resta o mundo dos blogues para se saber o que é de veras importante. Quando os políticos falam não são eles, mas sim as agências de comunicação e os grandes grupos que os sustentam.

Quer-se, teoricamente, um cidadão culto e educado, para ter a liberdade de fazer as suas opções em liberdade. Mas o que se criou foi um pateta manipulado. Pensa que vive em democracia e é livre, mas não passa de participante involuntário em uma fraude democrática. São esses os idiotas que votaram no Sócrates, nos antecessores e nos sucessores. Os que se queixam de terem sido enganados. Como se diz em inglês “read my lips” ... O que o povo quer é ver as revistas com os escândalos dum pseudojetset e duma pseudonobreza sem sangue azul, só fama fácil. O que o bom povo quer é mortes, violações, abusos, desgraças, inundações, incêndios, bombas, guerras e as tragédias longínquas, dos outros. As suas não lhe interessam.

O povinho (tão bem retratado como foi por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, ainda hoje atuais) quer ver as vergonhas dos outros para que não vejam a sua. “é disto que o meu povo gosta” como diria Pedro Homem de Mello, embora se referisse ao folclore... Assim se explica que a maior parte dos bons jornalistas portugueses se encontre desempregada sem ser por opção ou por reforma antecipada. Não eram fabricantes de notícias sensacionalistas para abrir o telejornal, empolando banalidades em transmissões diretas do nada. Nunca o país viu aumentar tanto e em tão pouco tempo o fosso entre ricos e pobres como nestas últimas décadas. As pensões e reformas são das mais baixas da Europa, mas os Executivos portugueses ganham mais do que os seus milionários congéneres norte-americanos. Ninguém escreve sobre isto? Limitam-se todos a passar secretamente essas notícias em e-mails aos amigos.

Uma idosa que roubou uma peça avaliada em menos de quatro euros foi levada a tribunal pelo supermercado, e o filho do banqueiro Jardim Gonçalves (entre outros ladrõesinhos que existem por aí) nem sequer a tribunal vai?

Claro, que o roubo de muitos milhões é investimento falhado e o de uns cêntimos é um crime de lesa-majestade. Gosto de escrever a palavra REVOLTEM-SE, mas podia ser considerado um crime de traição ou de apelo ao terrorismo, face às novas leis, pelo que me coíbo de o fazer.

Faltou frisar que a ideia da nova educação é fazer com que os professores estejam cada vez menos preparados e criem alunos ignorantes. É a teoria do mínimo denominador

comum. Não interessa a nenhum governo uma população culta, educada e lida...depois era mais difícil regê-los. Segue-se uma nova versão da máxima salazarista "quanto mais ignorantes mais felizes..." ou como o amigo Daniel de Sá levemente me avisou, no seu formato original, a máxima de Salazar era: "Um povo culto é um povo infeliz." Sejam felizes, sejam incultos. A razão de todas as infelicidades reside na Santa Cultura que tanta dor pariu. Depois criam-se artificialmente novas castas (este país sempre foi um país de castas).

Primeiro, havia uma dicotomia entre professores primários, secundários e os universitários. Vasos não comunicantes e estanques. Depois passaram os primários a professores do básico. Não os melhoraram, não lhes deram mais instrumentos de cultura e de formação, promoveram-nos apenas no nome, título e casta. Fizeram isso com os do secundário e apenas restava agora a dicotomia entre os do Politécnico e os das Universidades. Como não lhes deram mais formação, nem preparação nem educação, os professores primários (e a minha mãe era-o) apesar de serem agora equivalentes aos antigos professores de liceu continuavam com a sua velha mentalidade de professores primários, o que impedia o sistema de seguir em frente e evoluir (as honrosas exceções que ainda existem e estão no ativo que me perdoem este desabafo) e se sentem atacados quando os colegas que vêm de outros ramos do ensino e com outra formação académica os confrontam.

A ignorância e a falta de preparação de tantos professores até doem. Já basta haver programas que pouco ou nada ensinam (cada vez são mais curtos, inúteis e fúteis para contrapor a asserção vigente no seu tempo de que aprendiam coisas de que mais tarde não se iriam servir). Claro que a falta de preparação dos professores aplicada numa educação de massas, caracterizada pelo mínimo denominador comum, vai perpetuar o ciclo descendente de conhecimentos, e cada vez haverá mais burros nas fileiras. Isso é altamente importante para os políticos no poder. Quanto mais iletrados os professores e seus alunos, melhor serão conduzidos os dez milhões de cordeiros do rebanho da nação portuguesa. A educação é uma fábrica de analfabetos para ensinar mais analfabetos futuros.

Quanto a estruturas, este país tem demasiadas leis e incumprimentos a mais...para quê tantas se ninguém as cumpre? Quando as tentam impor, é sempre numa forma arbitrária, bruta e cega de aderência à letra da lei e não ao seu espírito, ou então limita-se a uma mera caça à multa. Uma coisa é ter regras e normas. Outra é tentar impor leis a uma população impreparada e ignorante pela força bruta.

Há ainda os lóbis fortíssimos dos médicos, farmacêuticos e advogados em quem ninguém toca e são corresponsáveis pela má saúde do país. O que é preciso é civilizar [leia-se DOMESTICAR] o povo primeiro para se poderem impor regras e normas. O que se faz é impor regras e normas à bruta sem se educar o povo, logo o resultado está à vista...vive-se numa ditadura republicana, de esgares monárquicos, disfarçada de democracia. Tal como no tempo do Hitler só quando ela chegar à nossa porta é que nos daremos conta do caminho por onde nos levaram... As democracias só podem funcionar com gente culta e preparada e não com quase dez milhões de analfabetos como em Portugal.... Nos outros países (e na Austrália vi isso) fazem-se sacrifícios e o país avança e progride, aqui obrigam-se a sacrifícios e o país fica na mesma. Aqui só se trabalhou para a estatística europeia e não para criar riqueza. É isso que acontece com os empresários portugueses na sua maioria. Como escrevia Mendo Henriques em agosto de 2008: "é altura de fazer uma revolução e dar o poder a quem tem cultura e não a quem tem dinheiro".

É tudo uma questão de visão, os portugueses têm-na tipo túnel (quando a têm). Outros veem mais longe e preocupam-se com o futuro. JC aprendera imenso com os chineses. Fora essa a lição mais importante. Nunca me esqueço também daquilo que mais me impressionara na aprendizagem com os aborígenes australianos: como sobreviver milhares de anos com uma cultura oral, sem escrita, sem posse de terras, sem matar a não ser o que é necessário para uma alimentação frugal, para preservar o meio ambiente. Assim foram capazes de manter um segredo durante séculos (como era o crioulo de português que uma tribo manteve durante mais de quatrocentos anos).

O excesso de informação, desinformação e manipulação política acabam por condicionar o rebanho dócil dos que falam muito e se queixam ainda mais, mas pouco ou nada fazem. Sempre prontos a criticarem o governo e os outros sem perceberem que a verdadeira culpa radica neles. O país continua diariamente – há muitos anos – a gastar muito mais do que produz. A hipotecar-se sem construir ou criar algo de produtivo. Esta irresponsabilidade coletiva será paga pelas gerações futuras, hoje demasiado preocupadas na sua ignorância para se aperceberem de que a conta foi passada em seu nome coletivo. Mas ainda não chegámos lá.

Os portugueses habituaram-se a ir de férias à República Dominicana ou a Cancún, pagando em dinheiro ou com cartão de crédito. Goze agora e pague depois, se não morrer antes. Não se importam com os que roubam à sua volta, sejam eles do governo ou da privada. Até os invejam e gostariam de poder fazer o mesmo. Por outro lado, os que se aproveitam desta e doutras crises, os que beneficiam das benesses do governo, dos subsídios que a Europa paga para outros fins, e os que orbitam nessas esferas continuam a ir aos stands de automóveis de desporto comprar Ferrari, Porsche etc. Não há rutura de abastecimentos, e os supermercados continuam a oferecer milhares de artigos à escolha. A maioria dos habitantes, desta Lusitânia sem alma, não quer saber de princípios. Abomina quem os tem.

Se bem que poucos, ainda existem alguns, que os preservam e perseveram. Se não são mais ouvidos, quando ainda têm direito a tempo de antena nas rádios e televisões, é porque os seus programas só são transmitidos quando todos dormem e apenas os alcoólicos com insónia estão despertos.

Outra coisa verdadeiramente preocupante é a do desemprego, que já levou milhares de imigrantes a deixarem o país. Nem os pobres imigrantes da África subsaariana já querem vir para cá. Preferem qualquer outro país europeu. Para onde imigrar? Para qualquer país, menos Espanha onde fazem dos portugueses escravos numa qualquer pocilga agrícola. O subsídio de desemprego e o rendimento de reinserção social são meros paliativos, desincentivos ao emprego e servem para atrasar ainda mais a miséria profunda que já afeta mais de dois milhões de portugueses. Isto significa que 20 por cento da população do país já está abaixo do limiar da pobreza. Ninguém se preocupa, esses já estão tão pobres que nem devem votar, por isso não vale a pena preocuparem-se com eles.

De qualquer modo o que é que o homem e a mulher comuns podem fazer, além de falar alto no café e queixarem-se aos amigos e conhecidos? Mesmo que soubessem rabis-car umas ideias e quisessem escrever uns artigos, provavelmente não seriam publicados. Vive-se numa ditadura dissimulada em que mesmo com 200 mil pessoas em manifestações de rua nada se consegue. O poder não treme nem pestaneja, coça-se como se estivesse a ser atacado por uma ridícula e inofensiva, mas irritante pulga. É essa a opinião

dos governantes sobre o povo que manietam. Para quê denunciar escândalos? Raro é o dia em que um ou mais são denunciados nas redes ainda livres da internet ou até na rádio e televisão. A justiça, que sempre esteve ao lado dos poderosos, agora parece estar ao lado dos que mais roubam e lesam o país

E apesar dos iberistas todos que por aí pululam, à sombra deste governo, nem os mais otimistas acreditam que a Espanha quisesse tomar conta desta província ingovernável, pois já lhe basta o País Vasco e os etarras. Já a dominam economicamente e não estão interessados em pagar as suas contas. Que se desiluda o primeiro-ministro Sócrates e seus muchachos, Viriato e Sertório foram apunhalados pelos seus mais chegados conselheiros e assessores. Aprende-se mesmo pouco em Portugal. Falta agora um novo Viriato a lidar os Lusitanos contra os usurpadores da República.

Para se pensar !

*Quando vieram
Quando vieram contra os negros,
eu não era negro e não fiz nada.
Quando vieram contra os favelados,
eu não era favelado, não fiz nada.
Quando vieram contra os homossexuais,
eu não era homossexual e não fiz nada.
Quando vieram contra as mulheres,
eu não era mulher e não fiz nada.
Quando vieram contra os analfabetos,
eu não era analfabeto, não fiz nada.
Quando vieram contra os pobres,
eu não era pobre e não fiz nada.
Quando vieram contra os aleijados,
eu não era aleijado e não fiz nada.
Quando vieram contra os outros,
o assunto não me dizia respeito e
não fiz nada.
Quando vieram contra mim,
ninguém me defendeu.
Quem não é vítima de discriminação e abuso
sempre pensará que o sofrimento do outro não é
grande coisa, que é exagero.
Alguns acham que discriminação
nem existe, que não existe discriminação contra
negros, contra mulheres, contra homossexuais,
aleijados, favelados, pobres...
Assim seguimos e fazemos todos os dias,
desprezamos ou diminuimos
o sofrimento alheio.
Não dando atenção à dor do outro nos
condenamos a sofrermos em silêncio, a
sofrermos sozinhos a nossa própria dor.
O preconceito só existe porque o silêncio
favorece os opressores.
Quem, acovardado, se omite,
concorda com o abuso.
Quem concorda com o abuso,
será abusado ouvindo o silêncio cúmplice dos
outros.
E tudo parece muito normal,
tão normal quanto sofrido e solitário.
Aqueles frases acima poderiam ser
reescritas assim?
Quando vieram contra os negros,
eu não era negro e não fiz nada e,
calado, também eu era contra os negros.
Quando vieram contra os homossexuais,
eu não era homossexual e não fiz nada e, calado,*

também eu era contra os homossexuais.
 Quando vieram contra as mulheres,
 eu não era mulher e não fiz nada e,
 calado, também eu era contra as mulheres.
 Quando vieram contra os analfabetos, eu não era
 analfabeto, não fiz nada e, calado, também eu era
 contra os analfabetos.
 Quando vieram contra os favelados, eu não era
 favelado, não fiz nada e, calado, também eu era contra
 os favelados.
 Quando vieram contra os pobres, eu não era pobre
 e não fiz nada e, calado, também eu era contra os
 pobres.
 Quando vieram contra os aleijados,
 eu não era aleijado e não fiz nada e,
 calado, também eu era contra os aleijados.
 Quando vieram contra mim, ninguém me
 defendeu, usaram o silêncio e a indiferença
 para apoiar meus inimigos.
 Uma lição a ser aprendida:
 o que nos faz iguais é que somos, todos,
 diferentes uns dos outros.
 De onde vem o medo de ser diferente?
 Do silêncio?
 (Inspirado no documentário: "Olhos azuis" de Jane Elliott)

Porquê?

Pense nisso.

47.4. AS 10 ESTRATÉGIAS DE MANIPULAÇÃO MEDIÁTICA

O linguista estadunidense Noam Chomsky elaborou a lista das “10 estratégias de manipulação” através da mídia:

1. A ESTRATÉGIA DA DISTRAÇÃO.

O elemento primordial do controlo social é a estratégia da distração que consiste em desviar a atenção do público dos problemas importantes e das mudanças decididas pelas elites políticas e económicas, mediante a técnica do dilúvio ou inundações de contínuas distrações e de informações insignificantes. A estratégia da distração é igualmente indispensável para impedir o público de interessar-se pelos conhecimentos essenciais, na área da ciência, da economia, da psicologia, da neurobiologia e da cibernética. “Manter a atenção do público distraída, longe dos verdadeiros problemas sociais, cativada por temas sem importância real. Manter o público ocupado, ocupado, ocupado, sem nenhum tempo para pensar; de volta à granja como os outros animais (citação do texto 'Armas silenciosas para guerras tranquilas')”.

2- CRIAR PROBLEMAS, DEPOIS OFERECER SOLUÇÕES.

Este método também é chamado “problema-reação-solução”. Cria-se um problema, uma “situação” para causar certa reação no público, a fim de que este seja o mandante das medidas que se deseja fazer aceitar. Por exemplo: deixar que se desenvolva ou se intensifique a violência urbana, ou organizar atentados sangrentos, a fim de que o público seja o mandante de leis de segurança e políticas em prejuízo da liberdade. Ou criar uma crise económica para fazer aceitar como um mal necessário o retrocesso dos direitos sociais e o desmantelamento dos serviços públicos.

3- A ESTRATÉGIA DA GRADAÇÃO.

Para fazer com que se aceite uma medida inaceitável, basta aplicá-la gradativamente, a conta-gotas, por anos consecutivos. É dessa maneira que condições socioeconómicas radicalmente novas (neoliberalismo) foram impostas durante as décadas de 1980 e 1990:

Estado mínimo, privatizações, precariedade, flexibilidade, desemprego em massa, salários que já não asseguram rendimentos decentes, mudanças que haveriam provocado uma revolução se tivessem sido aplicadas de uma só vez.

4- A ESTRATÉGIA DO DIFERIDO.

Outra maneira de se fazer aceitar uma decisão impopular é a de apresentá-la como sendo “dolorosa e necessária”, obtendo a aceitação pública, no momento, para uma aplicação futura. É mais fácil aceitar um sacrifício futuro do que um sacrifício imediato. Primeiro, porque o esforço não é empregado imediatamente. Em seguida, porque o público, a massa, tem sempre a tendência a esperar ingenuamente que “tudo irá melhorar amanhã” e que o sacrifício exigido poderá ser evitado. Isto dá mais tempo ao público para acostumar-se com a ideia de mudança e de aceitá-la com resignação quando chegar o momento.

5- DIRIGIR-SE AO PÚBLICO COMO CRIANÇAS DE TENRA IDADE.

A maioria da publicidade dirigida ao grande público utiliza discurso, argumentos, personagens e entonação particularmente infantis, muitas vezes próximos à debilidade, como se o espetador fosse uma criança de tenra idade ou deficiente mental. Quanto mais se busca enganar o espetador, mais se tende a adotar um tom infantilizante. Por quê? “Se se dirige a uma pessoa como se ela tivesse 12 anos ou menos, então, em razão da sugestionabilidade, ela tenderá, com certa probabilidade, a uma resposta ou reação também desprovida de um sentido crítico como a de uma pessoa de 12 anos ou menos de idade (ver “Armas silenciosas para guerras tranquilas”)”.

6- UTILIZAR O ASPETO EMOCIONAL MUITO MAIS DO QUE A REFLEXÃO.

Fazer uso do aspeto emocional é uma técnica clássica para causar um curto circuito na análise racional, e por fim ao sentido crítico dos indivíduos. Além do mais, a utilização do registo emocional permite abrir a porta de acesso ao inconsciente para implantar ou enxertar ideias, desejos, medos e temores, compulsões, ou induzir comportamentos...

7- MANTER O PÚBLICO NA IGNORÂNCIA E NA MEOCRIDADE.

Fazer com que o público seja incapaz de compreender as tecnologias e os métodos utilizados para seu controle e sua escravidão. “A qualidade da educação dada as classes sociais inferiores deve ser a mais pobre e medíocre possível, de forma que a distância da ignorância que paira entre as classes inferiores às classes sociais superiores seja e permaneça impossível para o alcance das classes inferiores (ver ‘Armas silenciosas para guerras tranquilas’)”.

8- ESTIMULAR O PÚBLICO A SER COMPLACENTE NA MEOCRIDADE.

Promover o público a achar que é moda o fato de ser estúpido, vulgar e inculto

9- REFORÇAR A REVOLTA PELA AUTOCULPABILIDADE.

Fazer o indivíduo acreditar que é somente ele o culpado pela sua própria desgraça, por causa da insuficiência de sua inteligência, de suas capacidades, ou de seus esforços. Assim, ao invés de rebelar-se contra o sistema, o indivíduo se autodesvalida e culpa-se, o que gera um estado depressivo do qual um dos seus efeitos é a inibição da sua ação. E, sem ação, não há revolução!

10- CONHECER MELHOR OS INDIVÍDUOS DO QUE ELES MESMOS SE CONHECEM.

No decurso dos últimos 50 anos, os avanços acelerados da ciência têm gerado crescente brecha entre os conhecimentos do público e aquelas possuídas e utilizadas pelas elites dominantes. Graças à biologia, à neurobiologia e à psicologia aplicada, o “sistema” tem desfrutado de um conhecimento avançado do ser humano, tanto de forma física como psicologicamente. O sistema tem conseguido conhecer melhor o indivíduo comum do que ele se conhece a si mesmo. Isto significa que, na maioria dos casos, o sistema exerce um controle maior e um grande poder sobre os indivíduos do que os indivíduos a si mesmos.